

# O legado *isebiano* no pensamento de Ignácio Rangel: uma análise das influências intelectuais e políticas

Autora: Amanda Pavanello Alves dos Santos - Mestranda PPGPol/UFSCar  
Coautor: Guilherme de Carli Pavão de Godoy - Mestrando PPGPol/UFSCar

## OBJETO E OBJETIVOS

O período do nacional-desenvolvimentismo brasileiro, cujo auge se deu nos anos 50, sustentou-se no campo das ideias pela produção intelectual de pensadores de diversas vertentes ideológicas, que juntos, num bloco histórico, buscavam diagnosticar os problemas da nação e propor novos rumos para o desenvolvimento. Deste embate surgiram, em particular, duas instituições que permitiram o confronto de ideias e o amadurecimento de intelectuais em suas investigações pessoais: o IBESP e o ISEB. Assim, entusiasta da industrialização do país, se baliza uma das mais originais exegeses da realidade nacional: a do “economista” maranhense Ignácio Rangel – lidando com temas basilares em suas teses heterodoxas – cruzando sua trajetória pessoal com algumas das instituições mais importantes nos períodos mais críticos da história política brasileira.

## METODOLOGIA

Este trabalho insere-se no campo dos estudos do pensamento político e social brasileiro. Desta forma, seu método é o da sistematização de argumentos textuais, sua correlação com o ambiente histórico, sua análise de emergência/trajetória/influência, sua interlocução inter pares – todos elementos de análise histórico-comparativa, textual e de contexto linguístico. As duas maiores filiações metodológicas adotadas serão:

- o contexto linguístico, próximo das análises de Pococok (2003) e Skinner (2000);
- as análises sobre formação do pensamento político brasileiro a partir de famílias ou linhagens, conforme proposição de Brandão (2007), Bastos & Botelho (2010), Cepêda (2008).

## CONCLUSÃO

Justamente na chave da pesquisa histórica aliada à formulação teórica está a síntese que Ignácio Rangel denomina de “*teoria da dualidade básica*” que, não simplesmente uma teoria, é a organização de um movimento de realidade histórica brasileira pensada à partir de uma série de categorias teóricas delicadamente construídas por esse intelectual para dar conta da realidade brasileira. Ela representa o desenvolvimento dos modos de produção brasileiros desde a abertura dos portos.

Esses modos de produção articulam-se em movimentos à partir de uma luta de classes que é diferente no centro e na periferia, sendo nessa última uma disputa entre as frações de classes que compreendem o bloco de poder dominante. Isso faz com que a interpretação histórica do que era o movimento da dualidade dependa não exclusivamente dos movimentos de produção, do econômico e das transformações estruturais, mas também das relações sociais e dos elementos políticos.

Sem sombra de dúvidas, Ignácio Rangel se reveste de “realidade nacional”. Dos males do eurocentrismo, Rangel procurou se manter longe, dos arranjos específicos do Brasil, procurou se manter constante.

## O NACIONALISMO DE RANGEL: O ISEB

Para os intelectuais do IBESP/ISEB uma das principais questões era a emancipação do Brasil e sua conquista por autonomia em todos os eixos da vida pública. Rangel, segundo tal tradição, utiliza-se de sua “teoria da dualidade”.

Antes coordenador do núcleo de Economia do IBESP, na década de 1950, Ignácio Rangel integra-se ao ISEB e escreve o livro que baliza seu pensamento sobre as amálgamas do desenvolvimento brasileiro: “*A Dualidade Básica da Economia Brasileira*”. É aí que a heterodoxia de Rangel se inicia, onde ele explica que a dualidade não é só da economia, mas é também da sociedade. Essa tese é composta pela formulação de que se estabelece sempre um *polo interno* e um *polo externo* no corpo social. No *polo interno* estariam as relações de produção centrais e a correspondente classe dominante, já no *polo externo* se encontrariam as relações de produção emergentes e o correspondente sócio menor no firmado pacto do poder.

Na primeira dualidade histórica do Brasil, segundo Ignácio Rangel (1957) no polo interno e na classe hegemônica do pacto estão os barões feudais, o latifúndio açucareiro e a escravidão. No polo externo está a classe dos comerciantes, principalmente exportadores e importadores associados ao capital estrangeiro.

Segue-se assim que, na segunda dualidade, a classe acima referida por estar no polo externo – que se mantém até a II Guerra Mundial –, passa a ser dominante e a classe subordinada passa a ser a burguesia industrial. Mas, já na II Guerra Mundial a burguesia industrial passa a ser hegemônica e a industrialização passa a ser o processo, por excelência, de desenvolvimento do mercado interno e do Brasil (RANGEL, 1957).

## Referências Bibliográficas

BASTOS, Elide Rugai; BOTELHO, André. *Para uma sociologia dos intelectuais*. Dados, Rio de Janeiro, v. 53, n. 4, 201

BRANDÃO, Gildo Marçal. *Linhagens do pensamento político brasileiro*. São Paulo: Hucitec. 2007.

BIELSCHOWSKY, Ricardo. *Pensamento econômico brasileiro: o ciclo ideológico do desenvolvimento*. – 5 ed. Rio de Janeiro: Contraponto. 2004.

BRESSER – PEREIRA, Luiz Carlos; RÊGO, José Marcio. *Um mestre da economia brasileira: Ignácio Rangel*. Revista de Economia Política, vol.13, nº 2 (50), abril-junho, 1993.

CEPÊDA, Vera Alves. *Dilemas do pensamento político: famílias intelectuais e as interpretações sobre o Brasil*. Revista Sociologia Política [online]. 2008, vol. 16, n. 31 pp. 231-238.

MALTA, Maria Mello de. *Ignácio Rangel e a categoria*

*dualidade básica: uma interpretação do Brasil*. Nova Economia Belo Horizonte 24 (1) 17-32. janeiro-abril de 2014.

MANNHEIM, K. 1976. *Ideologia e utopia*. Rio de Janeiro: Zahar. 1976.

RANGEL, Ignácio. *O desenvolvimento econômico no Brasil* (1954). In: Obras Reunidas, Rio de Janeiro, Contraponto, 2005, 1º vol., p.39-126.

\_\_\_\_\_. *Dualidade da básica da economia brasileira* (1957), In: Obras Reunidas, Rio de Janeiro, Contraponto, 2005, 1º vol., p.285-354.

\_\_\_\_\_. *A Dinâmica da Dualidade Brasileira* (1962), In: Obras Reunidas, Rio de Janeiro, Contraponto, 2005, 2º vol., p.552-566.

\_\_\_\_\_. *Desenvolvimento industrial do Brasil e suas características dominantes* (1969), In: Obras Reunidas, Rio de

Janeiro, Contraponto, 2005, 2º vol., pp.605-622.

\_\_\_\_\_. *Dualidade e “Escravidão Colonial”* (1978), In: Obras Reunidas, Rio de Janeiro, Contraponto, 2005, 2º vol., p. 623-635.

\_\_\_\_\_. *A Quarta Dualidade* (1980), In: Obras Reunidas, Rio de Janeiro, Contraponto, 2005, 2º vol. p.645-654.

\_\_\_\_\_. *A História da Dualidade Brasileira* (1981), In: Obras Reunidas, Rio de Janeiro, Contraponto, 2005, 2º vol. p. 655-685.

\_\_\_\_\_. *Dualidade e Ciclo Longo* (1984), In: Obras Reunidas, Rio de Janeiro, Contraponto, 2005, 2º vol., p.697-711.

SCHUMPETER, Joseph. *Business cycles: a theoretical, historical, and statistical analysis of the capitalist process*. Philadelphia: Porcupine Press, 1989.